

É certo dar dinheiro a crianças no sinal?

Profissionais da infância e juventude e prefeituras afirmam que ação estimula a permanência dessas pessoas nas ruas

Daniel Figueredo

Mesmo com o espírito de solidariedade que toma a população na época do Natal, dar dinheiro a crianças e adolescentes em semáforos é errado para profissionais da área da infância e juventude.

A situação, que já foi comum nas ruas e praias da Grande Vitória, tende a ressurgir, principalmente nas regiões de balneários, feiras livres e em transportes coletivos.

Para a coordenadora das Varas de Infância e Juventude do Estado, a juíza Janete Pantaleão, a es-

mola e a ajuda dada a vendedores mirins, muitas vezes, é uma forma de mantê-los nas ruas.

“Isso não auxilia no crescimento moral dessas crianças. É uma forma de manter não só a criança, mas famílias inteiras no vício de pedinte, além de deixá-los em estado de vulnerabilidade.”

A coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Infância e Juventude (Caij) do Ministério Público Estadual, a promotora de Justiça Andrea Teixeira, afirmou que, na maioria dos casos, há adultos por trás do pedido por esmola de crianças e adolescentes.

“Isso favorece a exploração das crianças pelos pais. A recomendação é que não dê dinheiro para evitar essa exploração. A grande maioria entrega os ganhos para um adulto, mas, só com isso, não é possível destituir o poder familiar e encaminhar para um abrigo”, explicou.

Segundo a secretária de Desenvolvimento Social da Serra, Elcimara Rangel, as abordagens são constantes para que essas crianças e adolescentes retornem à sua família. “Durante o ano, acontece esse tipo de situação nas feiras livres, e no verão é mais comum acontecer nas praias.”

A secretária de Gestão Estratégica de Vitória, Bianca Assis, afirmou que, apesar de o volume de crianças de rua ter diminuído, o trabalho se mantém diariamente.

“Não temos como reprimir uma pessoa por dar esmola, por isso, nosso trabalho é feito com a família. É um trabalho de orientação.”



FERNANDO RIBEIRO - 23/09/2013



“Não se deve dar dinheiro para não estimular que continuem como pedintes”

Andrea Teixeira, coord. do Caij do Ministério Público Estadual

JULIA TERAYAMA - 26/07/2014



“Se a pessoa quiser trazer melhorias materiais a crianças, existem instituições que recebem donativos”

Janete Pantaleão, juíza

KADIDJA FERNANDES - 04/11/2015



“A orientação que sempre damos é não colaborar com essas crianças que estejam nas ruas”

Lorenzo Pazolini, delegado da DPCA

O QUE ELES DIZEM

“Responsabilidade de toda a comunidade”

“Isso é mais uma questão de política de prevenção do que de repressão. Para tirar as crianças da rua, é preciso fazer um trabalho articulado entre a educação, assistência social e conscientizar a família sobre como a criança deve estar a salvo de situações de risco.

Isso não é só para a família da criança, mas é uma responsabilidade de toda a comunidade. Não se deve dar dinheiro para não estimular que continuem como pedintes nas ruas.”

Andrea Teixeira, coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Infância e Juventude do MP-ES

“A boa intenção fomenta e incentiva o trabalho infantil nas ruas”

Marcos Buzato, coordenador regional da Coordinfância do MPT-ES

“Alimenta vícios em drogas e bebidas de adultos”

“Muitas vezes, o trabalho infantil em bares e sinais é usado para alimentar vícios em drogas e bebidas de adultos. A sociedade, por aspecto cultural, vê o trabalho como algo que pode gerar benefício, mas sabemos que rua não é local adequado para a criança.

Há muita violência, possibilidade de exploração sexual. Quando se compra o produto, ou se dá dinheiro, muitos pensam que a criança vai voltar mais cedo para casa quando, na verdade, ela continua trabalhando e vendendo. A boa intenção fomenta e incentiva o trabalho infantil nas ruas.

Existe aquela frase: ‘É melhor estar trabalhando do que estar roubando ou matando’. Quem diz isso quer o mesmo caminho para seu filho ou prefere que ele vá à escola? Temos de querer para os filhos dos outros o mesmo que queremos para os nossos filhos.”

Marcos Buzato, procurador do Trabalho e coordenador regional da Coordinfância do MPT-ES

“A ajuda pode ser feita por outros meios, como ações sociais de igrejas, entidades e governo”

Enoque de Castro, pastor

“A criança se acostuma a receber essas doações”

“A orientação que sempre damos é não colaborar com essas crianças que eventualmente estejam nas ruas. A criança se acostuma a receber essas doações e acaba deixando de frequentar a escola, pois parece um caminho mais fácil a ela, retirando de onde ela poderia estar. No caso de pais, pode configurar crime, como abandono material e, eventualmente, quando é usado de fraude ou ardil, como estelionato.”

Lorenzo Pazolini, delegado titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente

“Esmola não ajuda materialmente e moralmente”

“Se quiser trazer melhorias materiais a crianças, existem instituições que recebem donativos e encaminham para as comunidades. Dar o dinheiro é uma forma de manter uma criança e uma família no vício de pedinte, estimula a ficar nas ruas até tarde da noite, em estado de vulnerabilidade. Como juíza da Vara de Infância vejo como prejudicial. Esmola não ajuda materialmente e moralmente.”

Janete Pantaleão, juíza coord. das Varas de Infância e Juventude

“Ajuda pode ser feita por vários outros meios”

“A ajuda pode ser feita por vários outros meios, como ações sociais feitas por igrejas, entidades filantrópicas e governo. Tudo isso pode ser feito, sem que se dê esmola e estimule a criança a ganhar dinheiro fácil.”

Enoque de Castro, pres. da Ass. de Pastores Evangélicos da G. Vitória